



CADERNOS DE GRADUAÇÃO

vol. 4, vol. 7 (2019) - ISSN 2318.9363

A RELAÇÃO DO INDIVÍDUO COM A MORAL E O SUICÍDIO

STÉFANI SOUSA RIBEIRO¹
 LARISSA EMILY DE LIMA CESERO²
 LEANDRA MENDES ONZI³
 FRANCISCO ROMULO ALVES DINIZ⁴

Resumo: O presente trabalho discorrerá sobre o suicídio, buscando entender os motivos que levam o indivíduo a por fim a sua existência. O debate sobre este tema tomou forma através do trabalho de Émile Durkheim, a partir de sua obra “O Suicídio”. Trata-se de uma revisão bibliográfica recortada em função de uma abordagem específica sobre aqueles que realizam o suicídio em função de um ato que fere a moralidade.

Palavras-chave: *Suicídio. Individualidade. Moralidade.*

Abstract: The present paper is going to discuss suicide, trying to understand the reasons that lead the individual to finally their existence. The debate on this theme took shape through the work of Émile Durkheim, from his monography “Suicide”. It is a bibliographical review cut according to a specific approach on those who perform suicide due to an act that damages morality.

Keywords: *Suicide. Individuality. Morality.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma compreensão de como questões morais podem afetar um comportamento de modo que possa conduzir ao suicídio daquele indivíduo que feriu princípios ou regras morais. A base teórica sobre a qual nos apoiamos é a pesquisa realizada pelo sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) tendo como pretensão principal compreender a

1 Acadêmica do 5º semestre do curso de Direito da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF). E-mail: stefaninsousa230@gmail.com.

2 Acadêmica do 5º semestre do curso de Direito da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF). E-mail: larissacesero@hotmail.com

3 Acadêmica do 5º semestre do curso de Direito da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF).

4 Doutor em filosofia pela *Universidade Vale do Acaraú* (UVA), professor do curso de Filosofia da *Universidade Vale do Acaraú* (UVA), professor dos cursos de Direito e Psicologia da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF). E-mail: romulodiniz40@gmail.com.



relação entre o suicídio e a moral, e como esta relação intrínseca pode aumentar consideravelmente o número de suicídios.

Entre as tipificações dos suicídios tratados por Durkheim, dois deles mantêm uma relação direta em função da questão moral, a saber, o altruísta e o egoísta, devido aquele estar relacionado a integração do indivíduo com a sociedade e este, ao frágil laço social do indivíduo para com a sociedade, enquadrando-se, desse modo, com o objetivo deste trabalho, isto é, a relação do sujeito com a moral e o suicídio.

Essa será, portanto, a nossa hipótese. Os tipos dos suicidas egoísta e altruísta estão diretamente relacionados à representação moral que os indivíduos possuem com o meio social em que vivem. Se os laços são fracos ter-se-á o suicídio egoísta, e se os laços são fortes o suicídio altruísta.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada por meio de um estudo teórico e debates semanais sobre os temas ligados ao suicídio realizados no grupo de pesquisa intitulado *Crepúsculo: uma investigação sobre o suicídio em Viçosa do Ceará*, que se utilizou dos escopos produzidos por Émile Durkheim em seu livro *O Suicídio*. Ainda, foi utilizado a publicação que tem por título *A Teoria do Suicídio* de Émile Durkheim, de Janaina Barbosa (2016), e, por fim, o artigo do médico psicanalista Alberto Henrique Soares de Azeredo Coutinho (2010), *Psicanálise e Literatura: Suicídio e Laço Social*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O suicídio tem recebido uma ampla atenção nos últimos tempos, ocupando outros espaços, estando presente na literatura, em filmes, como por exemplo na obra cinematográfica *Uma História Meio que Engraçada*, de Ned Vizzini (2007) músicas, tendo como exemplo *Pais e Filhos*, do grupo musical brasileiro Legião Urbana(1992), assim como também em expressões



poéticas, a exemplo desta poesia de (FERNANDO PESSOA, apud COUTINHO 2010, p. 61) “Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me? Não: vou existir. Arre! Vou existir. E-xis-tir”.

No entanto, foi com Émile Durkheim, através da sua obra *O suicídio*, que se elaborou uma compreensão ampla sobre o fenômeno da violência autoinfligida indicando não apenas as possíveis causas, mas considerando que o fenômeno pode ser explicado através das causas sociais. A hipótese do pensador francês tem como escopo uma compreensão científica do fenômeno em causa e considera que todo indivíduo se constitui socialmente.

Tendo o suicídio como objeto de estudo, Durkheim empreendeu um olhar sociológico tratando-o como um fato social. Analisa-o desde as sociedades primitivas até as sociedades mais modernas, como a França, a Alemanha, a Inglaterra, apenas para citar algumas em destaque no século XIX.

Ao analisar sua obra, cujo o título possui a temática principal deste trabalho, pode-se entender que, para Durkheim o indivíduo é o produto da sociedade em que vive. De acordo com filósofo e sociólogo francês Raymond Aron, o indivíduo nasce da sociedade, e não a sociedade nasce do indivíduo, partindo dessa premissa é notório que a sociedade antecede e exerce uma forte influência sobre o indivíduo. (Cf. JÉFERSON MENDES, 2003. Disponível em ><http://www.consciencia.org/durkheim-e-a-sociologia><)

Durkheim elevou a sociologia ao nível científico com o trabalho sobre o suicídio e tratou como um fato social. Este está ligado aos agentes reais ou ao conjunto de maneiras que estão no foco de uma sociedade. São os mecanismos sociais e culturais que podem determinar a vida de um indivíduo, sua maneira de pensar, agir e sentir. Para Durkheim, o modo de agir do ser é instruído pelo meio social, sendo eles exteriores, coercitivos, haja vista que são impostas ao indivíduo, e objetivas, pois existem independente do indivíduo. De acordo com Marco Bourguignon (2002. Disponível em: ><http://www.textus-textos.com.br/estante/sociologia/soc004.html><)

São três as características que Durkheim distingue nos fatos sociais. A primeira delas é a coerção social, ou seja, a força que os fatos exercem sobre os indivíduos, levando-os a



conformarem-se às regras da sociedade em que vivem, independentemente de suas vontades e escolhas. [...] A segunda característica dos fatos sociais é que eles existem e atuam sobre os indivíduos independentemente de sua vontade ou de sua adesão consciente, ou seja, eles são exteriores aos indivíduos. [...] A terceira característica apontada por Durkheim é a generalidade. É social todo fato que é geral, que se repete em todos os indivíduos ou, pelo menos, na maioria deles.

Desse modo, o autor descreve o suicídio como sendo resultado de causas sociais, e não individual pelo fato de o sujeito ser uma construção social. Os laços sociais são determinantes, ou até mesmo com a falta deles. Sustentando essa afirmativa feita por Durkheim, o médico e psicanalista Alberto Henrique Soares de Azeredo Coutinho, em seu artigo *Literatura e Psicanálise* (2010, p. 61) diz que: “[...] embora seja o que de mais individual alguém possa vir a fazer, o suicídio é universal ao longo de toda a História humana e está sob forte influência dos laços sociais aos quais o suicida se referencia ou dos quais é excluído.”

Sendo o suicídio um evento social, e estando presente em todas as comunidades e sociedades, não sendo, portanto, algo novo, o suicídio impacta a consciência humana, o que faz com que o autor procure nas estruturas e laços sociais o entendimento a respeito do fenômeno.

Para uma sociedade tudo aquilo que é normal é classificado como moral, seguindo a lógica desse pensamento, o que for imoral é anormal uma vez que fere a norma ou na sua parcialidade ou na integridade. Diante disso, Durkheim caracteriza o suicídio como uma patologia social, ou seja, como um problema social enraizado, como a violência.

Em *As Regras do Método Sociológico*, Durkheim indica que o crime não deve ser considerado como um verdadeiro desequilíbrio populacional, desconcertando certos princípios, pois, apesar de ser corriqueiro na sociedade, é ilegal e também imoral. Contudo, para o autor, uma imperfeição necessária não é doença, faz parte da sociedade. Faz-se necessária, pois enquanto existir problemáticas sociais, haverá busca para solucioná-las, podendo haver aperfeiçoamento em certas áreas não pensadas antes. Conforme aponta a seguir:

é inútil invocar aqui as imperfeições inevitáveis da natureza humana e sustentar o mal, embora não possa ser impedido, não deixe de ser o mal; isso é linguagem de pregador, não de cientista. Uma imperfeição necessária não é doença; caso contrário, deveríamos



colocar doença em toda parte, porque a imperfeição existe em toda parte. Não há função do organismo, não há forma anatômica a cujo proposito não se possa imaginar algum aperfeiçoamento. (DURKHEIM, 1999, p.473)

Para se entender a afirmação feita, e constatar que nada tinha a ver com o parecer feito, Durkheim alegou que era necessário que houvesse primeiro uma análise sobre a argumentação em que ela se baseava. Ainda, segundo ele “qualquer afrouxamento anormal do sistema repressivo tem por efeito estimular a criminalidade e lhe conferir um grau de intensidade anormal (Ibid. p. 473)

O suicídio caracteriza-se como violência autoinfligida. O que nos permite questionar, do ponto de vista social, e considerando a hipótese de Durkheim, o que possibilita que todo o arsenal de ações não se dirija a outrem que não o próprio autor. Embora noutro sentido, lembremos aqui uma fala de Sigmund Freud (2010) quando afirma que ninguém mata a si próprio, sem antes querer matar um outro.

Tal reflexão do autor, nos conduz à conclusão que, por vezes, a sociedade julga o ato de autodestruição sem questionar o motivo pelo qual levou o indivíduo a cometê-lo. Nesse sentido há uma aparente falha da sociedade, ainda mais quando enfatiza-se ser o suicídio um fenômeno social, e não individual, sendo, portanto, a sociedade a possível peça chave para nos levar a compreender os elevados números de suicídios.

Além disso, o fato do fenômeno do suicídio ainda ser tratada como um tabu social, em algumas sociedades, não descarta, mas diminui as possíveis intervenções que poderiam ser realizadas a fim de minimizá-lo. Obviamente não podemos desconsiderar que tem havido um esforço na tentativa de entendimento desse fenômeno. Há mobilizações nas áreas das ciências sociais, (sociologia e antropologia) assim como em áreas correlatas das ciências humanas (filosofia, psicologia) e também em áreas médicas.

Considerando que o suicídio se encontra entre as maiores causas de mortandade no mundo, tem havido uma participação do poder público a fins de evitar uma epidemia social. No entanto, sobre a perspectiva médica o problema é tratado de forma diferente, uma vez que,



levanta-se a hipótese dos transtornos mentais, ou seja, um problema de saúde pública. Quando se aventa essa hipótese descarta-se toda a autonomia do sujeito frente à sua existência e capacidades de decidir sobre sua vida. No entanto, tem sido esse o caso, pois, segundo dados, indicados mesmo no final do século XIX, 90% dos casos de suicídio estão relacionados a algum transtorno mental. Transtornos mentais ocorre em indivíduos que estão, por sua vez, em sociedade. A medida em que não se considera como parte dos problemas sociais as questões relativas à saúde pública desatrela-se dois campos que estão necessariamente interligados.

Apesar de não possuir informações suficientes para garantir que nunca houve uma sociedade em que o suicídio não estivesse presente, Durkheim coletou dados e os organizou estatisticamente, tomando como referências civilizações antigas e também modernas que comprovaram que esse acontecimento social não é algo novo. Considerou também a diversidade cultural, e percebeu que era possível detectar a existência de um suicídio de longas datas através da legislação, o que havia de comum entre esses relatos, era que o suicídio dividia opiniões. De acordo com ele (1999, p. 474):

Ora ele é prescrito, ora ele é reprovado; ora a interdição que o atinge é formal, ora comporta reservas e exceções. Mas todas as analogias permitem acreditar que nunca o direito e a moral permaneceram inerentes a ele, ou seja, o suicídio sempre teve bastante importância para atrair o olhar da consciência pública.

Ao se analisar brevemente a história da humanidade, é válido salientar e exemplificar que a concepção do suicídio como algo imoral perante a sociedade de fato oscila, como relatado por Durkheim. Em alguns países, a exemplo de Roma, antigamente, o suicídio poderia ser visto pelos indivíduos daquela sociedade como um ato legítimo, desde que, fosse autorizado pelo Estado e que o mesmo tivesse de alguma forma participação na decisão do suicida parafraseando Durkheim (1999, p. 428), perante o que foi salientado anteriormente, em Roma, o cidadão que quisesse matar-se deveria submeter suas razões ao Senado, que decidiria se tais justificativas eram aceitáveis e até determinaria o tipo de morte específica para aquele sujeito.



A exemplo disso tem-se também os *kamikazes* japoneses, que eram considerados verdadeiros heróis pela população, e pelo governo, devido estarem cometendo aquele ato em prol do bem geral. Todavia, essa concepção de que o suicídio é algo legítimo apenas parece válida e heroica quando há a aprovação do Estado, pois quando ela não ocorre o suicida é julgado diversas vezes como um ser fraco, e\ou sem religião, e passam a classificar, desse modo, o suicídio como ilegítimo e imoral.

Vale ressaltar que as regras definidas pela moral regulam o modo de agir das pessoas e está estritamente ligada aos bons costumes. Contudo, como intitular imoral o suicídio se o crime, está presente no cotidiano e é considerado algo normal? De acordo com Durkheim, (1999, p. 473) “[...] Devemos dizer, portanto, que o crime é necessário, que ele não pode deixar de existir, que as condições fundamentais da organização social, tais como são conhecidas, o implicam logicamente. Por conseguinte, ele é normal”

Primeiramente, vale ressaltar tal comparação foi feita por Ferri, sociólogo e Morselli, médico psiquiatra, e comentada por Durkheim em seu livro (1999, p.441), e que para os autores o suicídio é mais benéfico que o crime, mais propriamente dito o homicídio, pois segundo eles, o ato de suicidar-se não seria pior que matar uma outra pessoa, haja vista que ao matar-se o indivíduo não seria mais um risco para aquela sociedade, do contrário, ele poderia matar mais de uma pessoa.

Sucessivamente, é necessário verificar o quão contraditório é essa indagação colocada em questão anteriormente, haja vista que ambas as imperfeições sociais fazem parte da composição habitual das sociedades, e de todas as composições estudadas por Durkheim, não podendo elas serem evitadas ou ignoradas. Faz-se importante ressaltarmos que os extremos dos laços sociais do homem para com a sociedade, assim como a relação moral, os costumes existentes nela, não podem ser apontados como a causa principal do suicídio.

Durkheim explica que os tipos de suicídios presentes nas sociedades estudadas por ele, podem ser classificados em altruísta, egoísta, anômico e fatalista. Janaina Barbosa em sua



publicação que tem por título *A Teoria do Suicídio de Émile Durkheim*, discorre sobre o significado de cada uma das classificações apontadas pelo sociólogo francês:

Na tentativa de encontrar um nexos causal para explicar de forma sociológica o motivo de suicídios sociais, Emile Durkheim classificou os suicídios em quatro tipos distintos. O egoísta, em que se tem o apartamento das pessoas das metas sociais; o altruísta, em que se há o excesso de integração social e o suicídio ocorre em razão de uma causa própria; o fatalista, no qual as pessoas decidem tirar a sua própria vida por se sentirem diminuídas em relação às outras; e o anômico, quando não se tem o alcance das pseudonecessidades. (BARBOSA, 2016. Disponível em > <https://joaninhabs20.jusbrasil.com.br/artigos/328789040/a-teoria-do-suicidio-de-emile-durkheim><)

Dentre eles, há dois em que o extremo da relação do homem com meio que em que vive, ou a falta dela, parecem colaborar significativamente para o desenvolvimento de pensamentos suicidas: o altruísta e o egoísta. Como podemos observar na citação acima, no suicídio altruísta a forte integração do homem com o meio social o faz abdicar da própria vida em prol do bem geral, ou seja, neste tipo de suicídio o indivíduo fica totalmente sob a dependência das relações sociais existentes no Estado, abstendo-se da própria vida para salvar a de outros, como no caso dos militares, que são obrigados a negar a si mesmo para servir a sociedade.

Podemos verificar que isso só ocorre porque o suicida altruísta valoriza muito mais a sociedade do que o indivíduo. Ele certamente aprendeu a valorar a sociedade e não necessariamente os indivíduos quando estes estão em conflito. Ele se vê como um fiel defensor das pessoas daquela nação, não hesitando, desse modo, em suicidar-se em prol de outros, ganhando ainda diante disso, um reconhecimento heroico frente aquela sociedade ou diante daquele povo. O ato praticado adquire – sob o olhar do suicida – mais valor do que a própria vida uma vez que desonera a sociedade de um peso e o ato pode contribuir para uma sobrevivência da própria sociedade.

Em contraposição a esse tipo de autocídio, tem-se o suicídio egoísta, que está interligado ao individualismo exacerbado, devido ao fato de o indivíduo estar desligado dos grupos sociais, não se encaixando no padrão moral imposto por eles. A ideia da individualidade ganhou terreno na modernidade. A ordem social abstrata existiria – para os liberais, por exemplo – para a



preservação e manutenção do indivíduo. Vale lembrar que nas sociedades avançadas (para usar uma expressão de Jürgen Habermas (1929) há um apreço mais elevado por certos indivíduos, principalmente por aqueles que de algum modo se destacam na nova ordem social. No entanto, nas sociedades avançadas as conexões entre os indivíduos são frágeis na sua totalidade. Há uma exigência maior pelo sucesso individualizado como forma de reconhecimento social. (Cf. HONNETH. A luta por reconhecimento)

De acordo com o exposto acima, para que o indivíduo encontre uma sustentação para a sua vida social e pessoal, e através disso não venha a cometer o suicídio, ele necessita de maiores pontos de apoio da própria sociedade. Entretanto, vale lembrar que a existência de uma atenção maior para com ele não o deixa imune a possíveis acontecimentos que, por vezes, possam desencadear uma nova tentativa de suicídio.

Com enfoque nos tipos de suicídio egoísta e altruísta, é importante ressaltarmos que apesar dos extremos parecerem ser os causadores do suicídio é possível compreender que eles são importantes quando se trata de inovações e certezas, a exemplo disso, se levarmos em conta que uma forte integração na sociedade pode levar o indivíduo a evoluir em determinadas situações que requer uma maior utilização dos seus esforços, fazendo com que ele possua motivos para permanecer ativo na sociedade.

Cabe aqui um questionamento pertinente em relação aos dois modos apontados por Durkheim: se o suicídio ocorre tanto em sociedades que mantêm vínculos sociais fortes, quanto naquelas em que os vínculos sociais são frágeis, qual seria o modelo ideal de sociedade? Embora, não tenhamos feito nenhuma pesquisa no sentido de elucidar tal questão, podemos apontar para uma intuição presente na ética aristotélica, a de que o melhor dos caminhos é o do meio. Nem demasiado, nem demasiado pouco. Uma síntese entre os extremos poderia indicar a alternativa mais viável. No entanto, o valor dessa intuição serve-nos apenas como referencial de pensamento.



Ainda de acordo com Durkheim, quando o sujeito passa a considerar o egocentrismo indispensável para sua existência, ele tem comportamentos e ações que são voltadas apenas para si, ou seja, tudo o que ele faz e pensa tem apenas haver com ele próprio. Quando isso acontece, o egocêntrico, não se importa fielmente aos padrões impostos pela sociedade se aquilo não for o que ele acredita e defende, dessa forma ele consegue quebrar tabus, pois, se encontra imerso em um mundo tão dele que esquece dos padrões, inclusive criando outros, caso não se identifique naquele já existente. Isso também faz com que aperfeiçoe ou aumente as certezas em suas próprias crenças, haja vista que ele não abre margem para outras opiniões devido ao seu mundo girar apenas em torno dele mesmo, e por isso ele consegue indubitavelmente ser fiel as suas crenças, que para o indivíduo é tida como a mais correta, além de ser aquela que o representa.

O suicídio parece ser o modo mais rápido de como solucionar, por fim a determinado problema, seja para os “altruístas” que visam o bem geral, ou os para “anômicos” que não possuem tudo aquilo que desejam e escolhem o suicídio como fonte de escape. A ignorância da sociedade em reprimir esse acontecimento social recorrente, tratá-lo como tabu e ainda classificá-lo como imoral, abre margem para possíveis julgamentos para aqueles indivíduos que busquem por ajuda, e acabe ocasionando uma frustração maior que o leve a suscitá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção inicial consistia em mostrar que há uma relação entre o suicídio e a moral social. Cada sociedade produz um modelo de moralidade e os indivíduos relacionam-se de modo distintos com a moral social. Para uns a sociedade é mais importante do que o indivíduo e os laços que se mantém com ela é considerado forte. Para outros o indivíduo – inclusive ele próprio é mais importante – do que a sociedade, pois esta é apenas uma abstração. E, às vezes privilegia uns mais do que outros. Aquele que pensa desse modo mantém uma relação frágil com a



sociedade. Daí Durkheim entende que entre os suicidas existem aqueles que põe fim a própria vida para preservar a sociedade e outros porque a sociedade não se dobra aos seus próprios desejos ou mesmo os problemas que ele carrega.

Nossa intenção não é, pelo menos nesse artigo, produzir uma alternativa palpável em relação aos modelos propostos por Durkheim, mas apresentar uma compreensão ou alguma explicação para a questão de tantos indivíduos cometerem suicídio, principalmente nas sociedades contemporâneas. Diante do quadro social atual vê-se o crescimento dos casos de suicídios, cabe-nos ainda questionar se os modelos sociais, em voga nas sociedades contemporâneas, não estariam contribuindo para o enfraquecimento social e os indivíduos nela presentes não seriam os elos mais frágeis e por essa razão põe fim a sua existência?

Esses resultados são parciais. Há muito a ser investigado. A hipótese de Durkheim nos parece consistente, no entanto, outros vieses podem e devem ser averiguados. Problemas de natureza psíquica são alguns dos indicativos. No entanto, a sociedade está aí imbricada uma vez que estes se encontram também em sociedade, e alguns dos transtornos são resultados de relações sociais doentias ou mesmo pela falta de uma sociabilidade sadia.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Janaina. **A Teoria do Suicídio de Émile Durkheim**, 2016. Disponível em: <<https://joaninhabs20.jusbrasil.com.br/artigos/328789040/a-teoria-do-suicidio-de-emile-durkheim>> Acesso em: 10 de fev. de 2018
- BOURGUIGNON, Marco. **Indivíduo e Sociedade em Durkheim**, 2002. Disponível em: < <http://www.textus-textos.com.br/estante/sociologia/soc004.html>> Acesso em: 11 de fev. de 2018
- COUTINHO, A.H.S.A. (2010). **Psicanálise e Literatura: Suicídio e Laço social**. Reverso, n.59, p.61, Belo Horizonte, 2010.
- DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. 1. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1999.



FREUD, Sigmund. **Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio**, In: Sigmund Freud - 1909-1910. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2013. pp. 389-391.

_____. **Luto e Melancolia**, In: Sigmund Freud – 1914-1916. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010. pp 170-194.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**. [1992]. trad. bras. Luiz Repa. São Paulo: Ed.34, 2003.

MENDES, Jéferson. **Durkheim e a sociologia**, 2008. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/durkheim-e-a-sociologia>> Acesso em: 10 de fev. de 2018.